

## **DEUS PÃ: POÉTICAS TEATRAIS**

Pedro Paulo Galdino Vitorino Dias (Universidade Federal de Goiás – UFG)<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Neste trabalho, objetiva-se refletir a figura mítica do deus Pã em relação às possibilidades imagéticas de criação e vivência teatral. A escolha deste mito se deu pelo atual momento pandêmico que temos atravessado, devido ao novo e contagioso coronavírus, cuja enfermidade por ele ocasionada foi nomeada pela sigla COVID-19 (*CoronavirusDisease* - 2019). Neste sentido, como sujeito, artista e pesquisador, urge continuar a caminhada, sensível ao luto, e ao mesmo tempo em criação artística. Os estudos teóricos sobre Pã abriram margem para experienciar, junto à natureza, em contato com as paisagens naturais do cerrado, através de imersões na fazenda de meus avós, localizada no interior de Goiás, práticas artísticas corporais e possibilidades criativas em solitude, autoconhecimento, mimese e desequilíbrio, numa hibridez entre fotografia, teatro, dança e performance.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Processo criativo; Pã; teatro; poética.

### **ABSTRACT**

In this study the aim is to reflect the mythical figure of the god Pan in relation to the imagetic possibilities of creation and theatrical experience. The choice of this myth was due to the current pandemic moment that we have been going through, due to the new and contagious coronavirus, whose illness caused by it was named by the acronym COVID-19 (*Coronavirus Disease* - 2019). In this sense as a subject artist and researcher, it is urgent to continue the journey, sensitive to mourning and at the same time in artistic creation. The theoretical studies on Pan opened margin to experience next to nature in contact with the natural landscapes of the cerrado, through immersions in the farm of my grandparents located in the interior of Goiás, body artistic practices and creative

---

<sup>1</sup> Ator, professor e pesquisador teatral. Mestrando em Artes da Cena pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC), da Universidade Federal de Goiás (UFG), com orientação do professor Dr. Alexandre Silva Nunes. A pesquisa é financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

possibilities in solitude self-knowledge mimesis and imbalance, in a hybridity between photography, theatre, dance and performance.

### **KEYWORDS**

Creative process; Pan; theatre; poetics.

*Só o demorar-se contemplativo tem acesso também ao longo fôlego, ao lento.*

*Byung-ChulHan*

Você, quem me lê, convido-o(a), por alguns minutos, antes de continuar a leitura das palavras, à se demorar na visualização, observação e contemplação dessa primeira imagem, assim como nas outras que forem aparecendo. Pergunte-se: essa imagem me afeta?



**Imagem 1:**respirar<sup>2</sup>

Que o ano de 2020 ficou registrado na história, marcado em nosso imaginário, em nossos corpos, como o período de distanciamento e isolamento social, caos, sofrimento, dor e perda, não temos dúvida. Não se pode esquecer que no Brasil ainda vivemos um caos político, com um (des)governo que não se preocupa com a vida, pelo

---

<sup>2</sup> Imagem própria do autor.

contrário, aguça a exploração e o desmonte dos serviços públicos essenciais (saúde, educação e segurança), resultando em mais miséria, pessoas vivendo em situações desumanas; desemprego; preconceitos; censuras à livre expressão.

Chegamos ao ano de 2021 e a pandemia ocasionada pelo novo coronavírus continua ainda mais letal no Brasil. Resiste frente a um cenário sócio-histórico-político devastador, sustentado na negação, no ódio, no luto contínuo. Nesse contexto de tantas mortes, perdas e medo: pânico. Por quê? Para que? Como continuar? Como sujeito, brasileiro, artista, pesquisador, professor, cursando um mestrado em Artes da Cena, no centro do país, em Goiânia – Goiás, como continuar? Para que? Por quê?

Sinto-me atravessado por todas estas questões, pelo afetar da minha forma de ser/estar neste mundo, neste tempo-espço. Com um semestre todo sentado em frente à tela de um computador, ora em atividades síncronas, ora em assíncronas, as dores de cabeça, nos olhos e a exaustão corporal se tornaram minhas amigas íntimas. Respeito cada uma delas. Em um primeiro momento, pausei, fiquei estático... Sendo empurrado... A necessidade de produzir, de continuar... Mas muito mais de me respeitar... Fui deixando-me levar... Neste ir, escolhi cursar a disciplina Mito e Imaginário nas Artes da Cena, ministrada no segundo semestre do ano de 2020, pelo professor Alexandre Silva Nunes, meu orientador.



Imagem 2: contorcer<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Imagem própria do autor.

Na disciplina citada, chegamos à figura de Pã. Esta imagem arquetípica continua viva na psique. Pã, com orelhas, chifres e pernas de bode. Ele se apresenta como um deus de lugares selvagens e não do urbano. Possui diferentes possibilidades de investigação e aparece em outros mitos, uma vez que, os mitos constituem elemento principal dos conteúdos do imaginário. Pã tem diversas filiações e narrativas, é polivalente. Conta-se, numa dessas narrativas, nos hinos homéricos:

Eles celebram com hinos os deuses bem-aventurados e o grande Olimpo, e o benévolo Hermes mais do que os demais, contando que ele é o rápido mensageiro de todos os deuses, e como ele chegou à Arcádia de muitas fontes, mãe de rebanhos, onde fica Cilene, seu lugar sagrado. Nesse lugar, embora um deus cuidava das ovelhas de pelo empoeirado para um homem mortal, pois lhe veio subitamente um intenso [e terno desejo] de se unir amorosamente à filha de Dríops, a ninfa de belos cabelos. Ao ar livre ele consumou o casamento e em seus aposentos ela deu [à luz] para Hermes, um filho querido, espantoso de se ver, com pés de bode e dois chifres, barulhento e risonho. (RIBEIRO, 2010, p.500).

A partir desta narrativa, Rafael López-Pedraza (1999), considera Hermes e a ninfa de Dríops como, respectivamente, o pai e a mãe de Pã, sugerindo ainda uma relação afetivo-sexual entre Hermes e o rei Dríops, que se realiza com a ninfa, filha do rei, no nascimento de Pã. Nesse sentido, o hino homérico também conta:

Fala-me, Musa, do querido filho de Hermes, de pés de bode, dois chifres, amante do ruído e que, pelos campos cheios de árvores, anda para lá e para cá com as ninfas habituadas [a dançar], que pisam o alto da rocha escarpada invocando Pã, o deus pastor de cabeleira brilhante e descuidada, a quem foram destinados os picos cobertos de neve, o cume das montanhas e os caminhos pedregosos [...] então, ao voltar da caça, e somente à noite, ele emite sons, tocando em sua flauta uma doce canção; certamente, não poderia ultrapassá-lo, em melodia, a ave que, na florescente primavera, entre as folhas, externa sua lamento com um doce canto. (RIBEIRO, 2010, p.498).

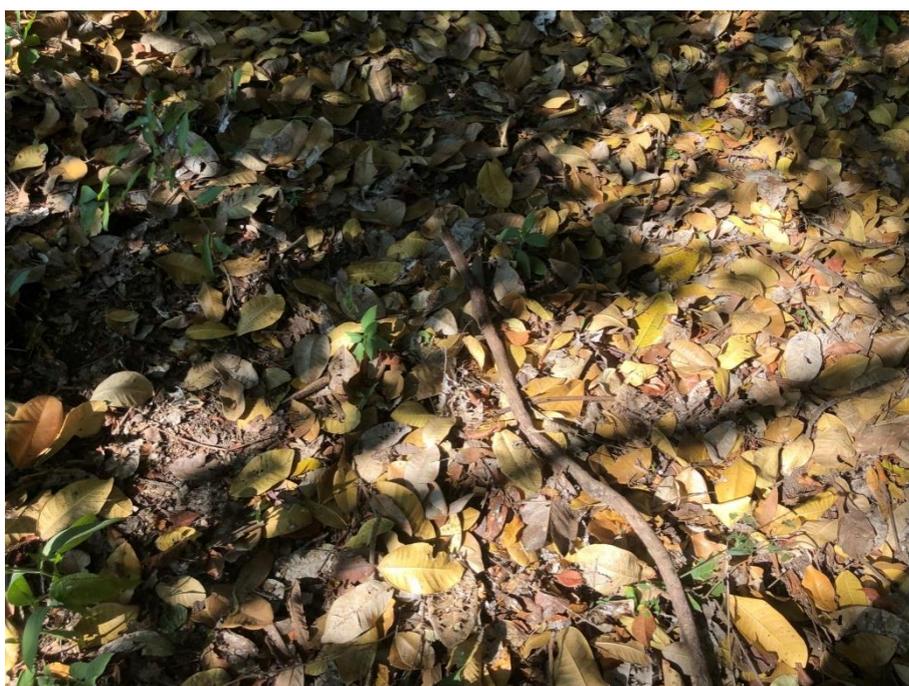
Dessa maneira, Pã também possui uma relação forte com a música, ainda que tenha sido atribuído ao deus Apolo o epíteto de patrono desta arte. O que, segundo López-Pedraza indica que, por mais que se tenha uma organização e rigidez apolínea na estrutura da música, na aprendizagem e no tocar o instrumento, anteriormente a isso, encontra-se sua ligação com o caótico, não controlável, sensível e potente, proveniente da natureza tanto de Pã quanto de Hermes.

Quando Hermes leva seu filho ao Olimpo, todos os deuses se afeiçoam pela criança, porém, Dioniso é quem mais se alegra. Aparentemente, por essa alegria de todos, deram o nome a ele de Pã. Ele é também uma imagem obscura, da caverna, dos vales. É deus da natureza e a própria natureza, incluindo a que está dentro de nós. James

Hillman (2015), trata Pã como ligado ao pânico, ao pesadelo, à masturbação, à imagem do estupro, ao instinto, todos elementos constituintes das experiências da vida humana, que vão além da realidade e do próprio humano.

Dessa maneira, o pesadelo realmente oferece a pista para uma reaproximação da natureza morta, perdida. No pesadelo, a natureza recalcada retorna, tão próxima, tão real que não poderíamos fazer mais do que reagir a ela naturalmente, isto é, nos tornando totalmente físicos e possuídos por Pã, urrando, pedindo por luz, conforto, contato. A reação imediata é uma reação demoníaca. O instinto nos fazer retornar ao instinto. (HILLMAN, 2015, p.45).

Desse modo, Hillman declara que Pã não está morto. Se estivesse, a natureza não falaria mais, nós não existiríamos como existimos hoje. Pã urra, mais que nunca. A pandemia que nos assola, diz mais do que imaginamos. A natureza grita. O pesadelo está constante. Neste caos, coloquei-me e coloque-me em ação, criação. Em respeito ao luto.



**Imagem 3:sofrer<sup>4</sup>**

Nascido e criado em Goiânia, no urbano, estive sempre próximo à zona rural, em contato direto com a terra, com a vegetação... Troncos tortuosos, cascas grossas... Pés no chão, brincadeiras, banhos no rio...Acalento de histórias da vovó e do vovô. Tive então, a oportunidade de cumprir o distanciamento social, em decorrência da pandemia,

---

<sup>4</sup> Imagem própria do autor.

literalmente na natureza, na fazenda de meus avós, que muito constrói a minha subjetividade. Pude procurar continuar, pesquisar, primeiro, na ação de contemplar, estar junto à natureza exterior e olhá-la, senti-la, respirá-la, com os pés enraizados no chão durante horas e horas, ligando-me à natureza interior. Com isso, num segundo momento, pude experimentar, jogar-me no chão, nas folhas, no barro, lambuzar-me da vida, da terra, respirar... (respirar que tem sido tão difícil ultimamente).



**Imagem 4:** naturezas<sup>5</sup>

Reconectar... O toque, a pele que toca e é tocada... Reverberar... Reverenciar... Energizar... Enraizar, da planta dos pés, que afundam na terra, aos fios do cabelo, o corpo todo no chão... Chorar... Gritar... Contorcer... Cair... Levantar... Cair... Rolar... Esconder... Cortar... Machucar... Doer... Como dói... Pã, toma de conta, toma de conta. Conectei-me à força desses elementos terrestres e aquáticos impelido por Pã. Poesia. A poética do espaço, do meu corpo, intruso, que pede licença, ocupa um lugar, compõe camadas possíveis de acontecimentos.

(...) Busca-se na relação teatro e mito uma perspectiva, uma forma singular de olhar as coisas (o texto ou pré-texto cênico, o corpo, os processos, os objetos) e não uma explicação das coisas, ou análise, ou um programa rígido de ação. Perspectiva indica, assim como teatro, um lugar de onde se vê. De qual lugar se olha para o fenômeno do teatro quando tomamos o mito como guia? Diria que se olha do fundo do abismo da alma, da psique ou do inconsciente. E se falamos em alma, falamos desse lugar que está entre a materialidade e o imaginário e cuja forma de existir reside no puro ato de imaginar. Nada mais psico-físico do que alma. A imaginação é imagem em

---

<sup>5</sup> Imagem própria do autor.

movimento, imagem em transformação – aliás, é característica da imagem a constante fluidez, a constante mutação. (NUNES; FABRINI; LYRA, 2012, p.5).

É nesta relação, que, após os primeiros dias de contemplação, liguei a câmera do meu celular para registrar meu corpo no espaço. Registrar as composições pessoais com a natureza, afetado pelo estado caótico do mundo, do luto coletivo, das inseguranças e dos desesperos. Imagens em movimento. Imagens congeladas. Interiores. Íntimas. Individuais, ao mesmo tempo, coletivas. Exteriores. O atravessar da impotência, da insignificância, frente aquela exuberância. Perspectivas de olhar, de movimentar. Escutar.

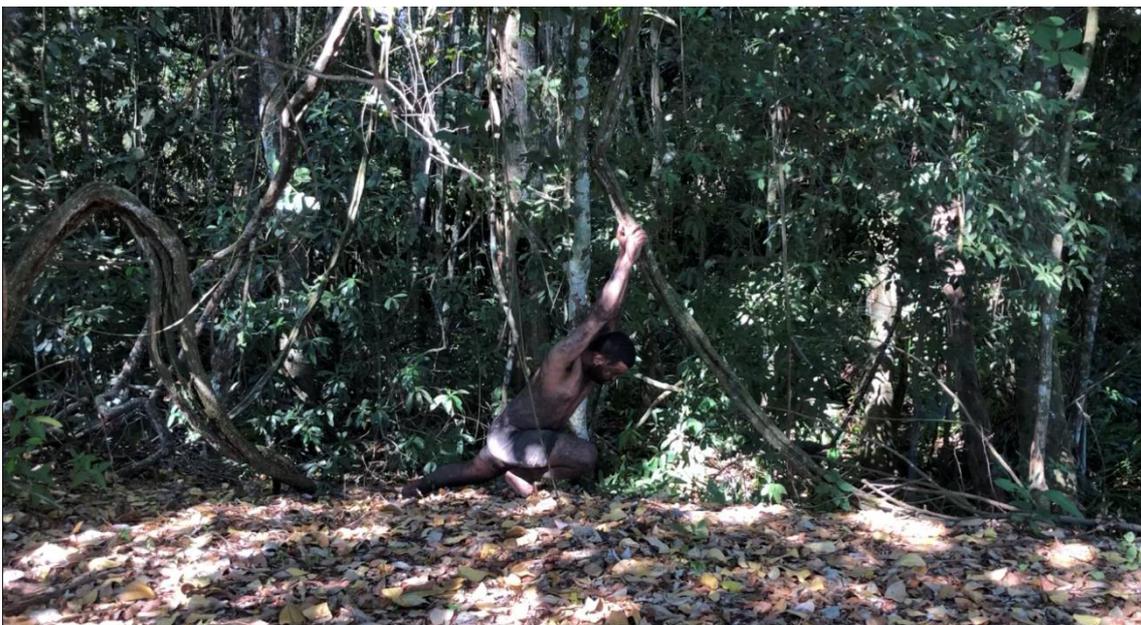
A água que emerge da terra, a mina, o vento que beija as árvores e as estremecem, as folhas que se soltam e caem, as cascas caídas e as novas que revestem os troncos. Os cipós que se entrelaçam, que interligam as diferentes espécies de vida, a terra preta, a argila. Cada animal, cada inseto, a vida que segue. O respirar da natureza. O meu respirar. Ritmos diferentes, brigando, contorcendo, mas que são parceiros. O sol que aquece. Mais ventania. Galhos caem, decompõem... Ciclos... Composição harmoniosa.

Foi-se estabelecida uma experiência cênica, literalmente na natureza. Registro corporal e imagético. Uma hibridez entre teatro, dança, fotografia e performance. Tomando o teatro como meu lugar de indagações, proposições e atravessamentos. O teatro, neste caso, como um acontecimento bem específico, em que meu corpo, a terra, a água, as folhas, os animais, as plantas, eram ao mesmo tempo intérpretes e público. Imbuído de sensibilidade, que, tornou-se ainda mais público, ao ser apresentado no XI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), e agora, também registrado nesta escrita. Tudo isso com a imagem de Pã viva, não como um ponto de partida para a criação em teatro, mas enquanto minha própria constituição físico-psíquica, de onde vejo, do pânico, dos medos e das ansiedades, coletivas e individuais entre o metafórico e o literal.



**Imagem 5:** decompor<sup>6</sup>

Estive em constante estado de devaneio, este como guia da essência da imagem poética. Gaston Bachelard em “A poética do devaneio” (1996), aponta que o devaneio poético é um estado entre a consciência desperta e o sonho, onde o sujeito pode guiar a ação imaginativa, diferente do sonho, em que não há controle. Mas, diferente também do estado desperto, em que predomina a consciência racional. É este devaneio poético, um dos modos de operação do artista, modo que me interessa, no momento da criação, um como estar “sonhando acordado”.



**Imagem 6:** compor<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Imagem própria do autor.

<sup>7</sup> Imagem própria do autor.

Por fim, “sonhando acordado”: teatralizar. Escolhi pela primeira vez mostrar estas imagens. O processo de pesquisa acontecendo, uma parte dele, por onde intuições afloram e se formam. O mito guiando as memórias individuais e coletivas presentes. O que acontecerá depois, quais cenas serão produzidas? O percurso irá dizer. Tomo esta experiência como força para continuar. Entendendo o importante lugar da ação contemplativa, com os inúmeros *agires* interiores. Deste modo, estar em ação poética, artística, corporal e refleti-la, escrevendo-a, numa simbiose: corpo, imagem, palavras, escritas. O corpo que age, fala, escreve, imprime, escuta. Deixar que os pensamentos passem. Emergir de Pã. Que ele esteja por perto. Que me/nos faça acreditar, que o pânico passa pelo lugar da escuta, do voltar-se para si e doar-se. Doar-se ao outro. Compartilhar. Conviver. Devanear poeticamente, assim, continuar.



Imagem 7: continuar<sup>8</sup>

## REFERÊNCIAS CITADAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Dane. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HILMANN, James. **Pã e o pesadelo**. São Paulo: Paulus, 2015.

---

<sup>8</sup> Imagem própria do autor.

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Hermes e seus filhos**. São Paulo: Paulus, 1999.

NUNES, Alexandre Silva; FABRINI, Verônica; LYRA, Luciana. Mito e Teatro. In: VII Congresso da ABRACE, 2012, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS, 2012. Disponível em:  
<http://www.portalabrace.org/viicongresso/completos/textosmesas/Mesa%20V%20-%20MITO%20E%20TEATRO%20NUNES%20Alexandre%20FABRINI%20Veronica%20LYRA%20Luciana.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2016.

RIBEIRO, Wilson (org.). **Hinos Homéricos**: tradução, notas e estudo. São Paulo: Editora Unesp, 2010.